

DIDÁTICA DA HISTÓRIA EM JÖRN RÜSEN: O ENSINO DE HISTÓRIA E UMA HISTÓRIA VIVA

Tales Damascena de Lima (PUC Goiás)

Resumo: A Didática da História de Jörn Rüsen, Teoria e prática se unem “práxis”, a partir de uma compreensão da história enquanto ciência ligada ao cotidiano. A necessidade de importar das ciências sociais, métodos de explicação geral, interpretações críticas de condições estruturais. As pessoas sentem a necessidade crescente de encontrar suas raízes e de renovar os laços com o passado, em especial o passado de sua comunidade- família, cidade, profissão ou religioso. Essa aproximação da ciência da história às ciências sociais, e conduzidas primeiramente pela escola dos Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre. Com essa aproximação a história ganhou múltiplas perspectivas. Gerando “custos sociais e culturais”, como objetos de reconstrução histórica, através das narrativas. Em que as ideias produzidas pela consciência não separam da realidade. Isso não significa que o conhecimento seja relativizado. Mas, sim que a realidade depende do sujeito que atribuir sentido em sua relação com consciência, que está ligado aos interesses do sujeito. O passado passa a ter um sentido a partir de sua interpretação no presente. A multiplicidade das narrativas, da história, junto com as multiperspectividade da história possibilita um ganho de conhecimento “um desenvolvimento cognitivo”. O ofício do historiador se estende à área do ensino de história. Ciência se faz na e com a sociedade. Ao agir no mundo o indivíduo precisa interpretá-lo. Não como dado puro, mas a luz de suas memórias e experiências. Assim o conceito de consciência histórica acaba por redimensionar a Didática da História. Pois, todo indivíduo conhece história e pratica algum tipo de sentido ao tempo. Assim, ensinar história não pode ser transmitir algo da ciência para o vulgo, mas um diálogo entre focos de produção de sentidos. As produções acadêmicas e o aprendizado dos alunos estendem para além das salas de aula, “debruçando” com Rüsen afirma sobre o ofício do historiador, e para além dele. Ao indicar e interligar a dimensão da vida prática à esfera da ciência especializada, Rüsen apresenta-nos que o conhecimento histórico produzido na academia não se trata de um acontecimento isolado da sociedade, mas sim de uma satisfação de interesses comuns e que partem da vida cotidiana das pessoas e que deve retornar como função na vida prática.

Nesse sentido, o motor da transformação historiográfica é a demanda social. A história científica como possibilidade, de orientação e constituição de identidade na vida prática. É necessária uma disciplina científica especificidade que se ocupe do ensino e da aprendizagem da história, a Didática da história. Entre a história como ciência e o ensino da história que ocorre no interior das salas de aulas.

Palavras-chave: Didática, História, Ensino

Teoria da História: Didática da História

Teoria da História de Jörn Rüsen, Teoria e prática se unem “práxis”, a partir de uma compreensão da história enquanto ciência ligada ao cotidiano. A necessidade de importar das ciências sociais, métodos de explicação geral, interpretações críticas de condições estruturais. As pessoas sentem a necessidade crescente de encontrar suas raízes e de renovar os laços com o passado, em especial o passado de sua comunidade- família, cidade, profissão ou religioso. Essa aproximação da ciência da história às ciências sociais, e conduzida primeiramente pela escola dos Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre. Com essa aproximação a história ganhou múltiplas perspectivas. Gerando “custos sociais e culturais”, como objetos de reconstrução histórica, através das narrativas. Em que as ideias produzidas pela consciência não separam da realidade. Isso não significa que o conhecimento seja relativizado. Mas, sim que a realidade depende do sujeito que atribuir sentido em sua relação com consciência, que está ligado aos interesses do sujeito. O passado passa a ter um sentido a partir de sua interpretação no presente. A multiplicidade das narrativas, da história, junto com as multiperspectividade da história possibilitam um ganho de conhecimento “um desenvolvimento cognitivo”. O ofício do historiador se estende à área do ensino de história. Ciências se faz na e com a sociedade. Ao agir no mundo o indivíduo precisa interpreta-lo. Não como dado puro, mas a luz de suas memórias e experiências.

Assim o conceito de consciência histórica acaba por redimensionar a Didática da História. Pois, todo indivíduo conhece história e pratica algum tipo de sentido ao tempo. Assim, ensinar história não pode ser transmitir algo da ciência para o vulgo, mas um

diálogo entre focos de produção de sentidos. As produções acadêmicas e o aprendizado dos alunos, estende para além das salas de aula, “debruçando” com Rüsen afirma sobre o ofício do historiador, e para além dele.

Em pleno século XXI com a nova história pode considerar a História como mestra da vida? Rüsen define *História Magistra Vitae*, seria o conhecimento histórico que define a tarefa da historiografia ocidental da antiguidade até as últimas décadas do século dezoito, indica que a escrita da história era orientada pela moral e pelos problemas práticos da vida, e não pelos problemas teóricos ou empíricos cognitivos metódicos. (RÜSEN, 2011: 24). Com a concepção da nova história, o sentido de *História Magistra Vitae* foi esvaziado. Na Alemanha a velha história, chamada de *Historie* dá lugar a nova história chamada de *Geschichte*, adquirindo uma qualidade temporal própria. Assim a história *Geschichte* adquiriu um novo sentido. A didática da história na concepção de Rüsen, nos leva a compreender que o significado de *História Magistra Vitae*, no contexto do ensino e aprendizagem, refere-se a uma aprendizagem histórica tomada como essencial na orientação da vida prática, com isso a história teria o papel de instruir os sujeitos no tempo.

“Devido necessidade institucionalização e profissionalização da história, a importância da didática da história foi esquecida ou minimizada. Durante o século XIX, quando os historiadores definiram sua disciplina, eles começaram a perder de vista um importante princípio, a saber, que a história é enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida dentro da estrutura tempo” (RÜSEN, 2011: p.25)

A dimensão do ensino na teoria da história de Jörn Rüsen, a partir do conceito de consciência histórica, formação e educação histórica e a didática da história, partindo como referência em especial a trilogia “Teoria da história”. Onde nessas obras Rüsen nos traz o conceito de ciência e a tradição como orientação da vida prática. Preocupações em relação ao ensino de história levantadas por Rüsen, tem uma reflexão e foco no social e cultural, objetivando uma educação onde não encarar o ensino e as pessoas como mercadoria, tem em vista uma educação humanitária para uma transformação pessoal e

social. Para Rüsen, a didática da história não se limita aos conceitos pedagógicos que são atribuídos a didática da história, ela possui uma ligação com as funções práticas do conhecimento histórico, com a formação histórica dos sujeitos. Assim trabalhando a práxis como sendo, uma função específica, e exclusivamente do saber histórica. Os sujeitos têm de ser orientar historicamente assim formam identidades

Quero tratar da práxis como função específica e exclusiva do saber histórico na vida humana. Isso se dá quando, em sua vida em sociedade, os sujeitos têm de se orientar historicamente e tem que formar sua identidade para viver – melhor: para poder agir intencionalmente. Orientação histórica da vida humana para dentro (identidade) e para fora (práxis) – afinal é esse o interesse de qualquer pensamento histórico. (RÜSEN, 2010: p.87)

Ao entrelaçar a vida prática a esfera da ciência, Rüsen mostra que o conhecimento histórico produzido na academia não está desassociado da sociedade, mas sim uma relação de interesses comuns e que partem da demanda social da vida cotidiana das pessoas, e que deve retornar como a função orientadora na vida prática. A história teria sua credibilidade de acordo que se satisfaz os interesses sociais. O motor da transformação historiográfica é a demanda social. Não vindo da academia, mas sim na sociedade e aí se inclui aos espaços institucionais. Ou seja, dentre os vários polos formadores do pensamento histórico, capazes de atribuírem sentido e orientação, à escola tem a função de introduzir o conhecimento sistematizado metodizado com aplicação prática na vida cotidiana. O passado enquanto condicionamento do agir e de sentido, deve ser considerado no espaço escolar.

Com essa concepção trazida por Rüsen, as perspectivas da história foram imensamente expandidas, pois não leva em conta apenas os problemas de ensino e aprendizado no âmbito escolar. A didática da história tem como análise as formas de raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana. Assim levando em conta qual seria o papel da história na opinião pública e as várias formas de representação nos e dos meios de comunicação em massa.

O grande desafio apresentado no ensino de história é o tornar consciente esse passado, de forma que tal, seja capaz de realizar orientação ao agir futuro. A consciência histórica partiria da tradição, mas não se basearia apenas nela. Na terceira obra da trilogia História Viva, Rüsen procura retomar que caberia ao processo formativo o desenvolvimento de competências da consciência histórica necessárias para orientação prática. A consciência histórica torna possível que os indivíduos possam de acordo com suas perspectivas e narrativas abordem o passado de várias e múltiplas formas. A aprendizagem histórica tem função muito importante para a orientação dos sujeitos no devir do ser.

A consciência histórica seria uma categoria geral que não apenas tem uma relação com o aprendizado e o ensino de história, mas se configura como todas as formas de pensamentos históricos, através da experienciização do passado. Ela nada mais seria que uma orientação no tempo, em que se faz um passeio, com saída do presente indo para o passado para compreendê-lo para chegar ao seu ponto final a projeção do futuro.

A formação histórica seria uma categoria da didática, a qual articula competências com níveis cognitivos. Essas competências dão aos sujeitos a capacidade de interpretação do mundo, do si e do outro, articulando dessa forma, uma orientação do agir, localização do eu e do outro, com a formação da identidade. A formação se caracteriza não só pelo saber, mas pelo agir, devido a necessidade de orientação temporal. O ensino de história o “saber” se torna um elemento essencial para a orientação. A didática da história afasta todos os limites do saber, como locais específicos dos saberes, e sim um local onde pode ser entregue vários saberes pré-estabelecidos em outros espaços, como no museu, um jornal entre outros. “Formação significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou reforço identitário.” (RÜSEN, 2007: 95)

A formação histórica é, antes a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade consiste em (re) elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz do passar do tempo, elevando-as

ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente, e sempre se novo (ou seja: produzindo), na orientação histórica dessa mesma vida. Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado histórico precisa, por sua vez ser aprendida. (RÜSEN, 2007: 95)

Através dessa experiência do passado, não a apenas uma orientação histórica, por uma ampliação temporal, ocorrendo um aprendizado interno e externo, mas também esses sujeitos têm novos espaços internos, um situar do “eu” em meio à subjetividade, e um reconhecimento do “outro” (RÜSEN, 2007: 110).

Ruse nos apresenta ter operações para esse duplo aprendizado: experiência, interpretação e orientação. A consciência histórica pode ser considerada aprendizado histórico, de acordo que ela produz uma ampliação da experiência do passado humano, um aumento de competências para a interpretação histórica dessa experiência e reforço da capacidade de inserir e utilizar interpretações históricas no quadro de orientação da vida prática”. (RÜSEN. 2007: 110)

Essa capacidade de orientação, seria a capacidade dos sujeitos construir sentido histórico, a partir da experiência desse passado, passando pela interpretação e orientação dele, definido por Ruse como competência narrativa. A habilidade de dar sentido ao passado o qual se implicaria na competência narrativa, resgatando e interpretando esse passado.

Quando tratamos do ensino de história, dialogamos diretamente com duas áreas do conhecimento, uma que trata da história em si e sua referência acadêmica, e outra que considera sua relação com a aprendizagem e com a estrutura cognitiva do aluno. Conciliar as prerrogativas teórico-metodológicas que envolvem estas áreas é imprescindível. Devemos entender que escola também produz conhecimento histórico, esse saber não é nem superior nem inferior ao acadêmico, apenas diferente, e negar a sua existência é ignorar a sua influência cultural e social. Nesta perspectiva o professor deve ser visualizado como um mediador entre os conceitos e conteúdos

sobre a história e a aprendizagem que o aluno fará desta. Assim, “podemos afirmar que as construções realizadas na sociedade em que se vive se constituem em símbolos que expressam a cultura e a consciência histórica dessa mesma sociedade”. (CUNHA, 1996, p.57). O debate em sala de aula, seria criar meios para que o aluno compreenda a sociedade de hoje, atrás da sociedade passada.

O aprendizado pode ser considerado histórico quando, como atividade de consciência histórica, produz uma ampliação da experiência do passado humano, um aumento da competência para a interpretação histórica dessa experiência e reforço da capacidade de inserir e utilizar interpretações históricas no quadro de orientação da vida prática. Em nada valeria um amplo saber histórico, que não orientasse para a vida prática. Dessa forma, ao ensino de história a pode dizer que há uma dupla missão: a de identificar a tradição presente nas narrativas e a de propiciar o desenvolvimento das narrativas dos alunos. Esta habilidade de dar “sentido” ao passado pelas narrativas, Rüsen traís três elementos: conteúdo, forma e função. O que seria “competência de experiência”, uma habilidade de resgatar o passado e suas qualidades temporal; “competência de interpretação”, a habilidade para reduzir as diferenças de tempo entre passado, presente e futuro; “competência de orientação” uma habilidade de usar esse passado, com seu conteúdo de experiência, como forma de orientação da vida prática, e, uma educação histórica. Esses elementos, faz, com que o indivíduo execute uma ruptura com os modelos culturais vigentes, através de uma “contra narrativa” do passado, inserirem nelas possibilidades de mutabilidade, e que distintos pontos de vista “narrativas”, podem coexistir.

Existem quatro tipologias: *modo tradicional*- onde a consciência histórica está condicionada unicamente pelos dados da tradição, ocorre uma repetição do modelo cultural vigente de modo inconsciente; *modo exemplar*- quando a substituição as tradições por regras gerais e atemporais; *modo crítico* – a uma ruptura com os modelos culturais vigentes, uma negação de sua validade a partir de uma contranarrativa do passado; *modo genético* – onde a memória histórica ao recuperar as experiências do passado, insere nelas a possibilidade de mutabilidade, de se

desenvolverem, os modelos culturais podem ser transformados em distintos pontos de vistas podem coexistir. (SCHMIDT; BARCA; MARTINS,2010: 63)

Para Rüsen a cultura é entendida como essências das determinações de sentido que orientam o agir. A formação da consciência histórica se dá através do aprendizado, e a consciência histórica se mostra através das narrativas. Como isso a didática da história está relacionada como ofício do historiador.

A grande questão tratada por Rüsen seria a maneira como ele oferece uma visão de história e educação histórica que leva a história a sério. Trazendo grandes contribuições para o campo do ensino de história. A teoria da didática da história como aprendizado histórico está para além da do espaço da sala de aula e não se caracteriza como uma mera teoria de ensino. Relacionando a didática da história como propriedade da história e não uma mera concepção metodológica de ensino ligado as práticas pedagógicas. A teoria de Rüsen se pauta em refletir a partir de um referencial histórico, e se distanciaria do campo pedagógico, e não estaria restrita aos muros da escola. “A didática caracteriza como uma disciplina dentro da ciência história, e seu foco é estudar os processos de consciência histórica, as abordagens do ensino de história nas escolas, o uso público da história, os pressupostos didáticos da ciência histórica”. (SADDI, RAFAEL. 2013)

CONCLUSÃO

O termo didática sempre é remetido a função pratica da produção do conhecimento histórico nos processos de aprendizagem. A história como ciência, e o conhecimento histórico estão fundados nas operações e processos da consciência histórica. Se estabelecem como uma simbiose, já que são idênticas. A teoria da história reflete sobre a ciência como uma forma de vida, como princípio cultural da realidade social. (RÜSEN. 2010:93)

A eficiência da história se dá pelos conjuntos de competências narrativas, para orientasse no tempo historicamente e na vida pratica. Ela e a capacidade dos sujeitos darem sentido. A formação histórica se caracteriza como a capacidade constituição

narrativa de sentido, não só elaborando narrativas, mas também reelaborando continuamente as experiências e saberes aprendidos. Nesse processo de orientação da vida prática, se aprende através dos níveis cognitivos da ciência histórica. Ocorrendo não só uma mudança do mundo e do eu, mas tem do passado. A teoria de Rüsen se funda na experiência, essa experiência não se limita e não acontece entre os muros da escola. A uma experiência ali escolar e sistemático de um saber, mais são se caracteriza como um saber total, e sim apenas um dos muitos saberes e espaços dos saberes. Assim o conceito de Didática da História trabalhado por Rüsen, se caracteriza com um campo intermediário entre academia e o aprendizado dos sujeitos, não se limitando as salas de aulas, mas indo para além dela em todo corpo social, a um dobramento sobre o ofício do historiador. O objetivo do aprendizado histórica seria, organizar das mais variadas formas de abordagens um desenvolvimento dinâmico. O aprendizado histórico se pauta no meio de uma intersubjetividade discursiva, estabelecendo uma relação aberta de comunicação.

Referencias Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. Trad. GERHARDT, Klauss B; MAJER, Roneide V. São Paul: Editora, UNESP, 2002

PINSKY, Jaime. (org). **O ensino da história e a criação do fato**. São Paulo: contexto 2009

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília UNB, 2001.

_____. **Reconstrução do passado: teoria da história II: princípios da pesquisa histórica**. Brasília. UNB, 2010

_____ **História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico.** Brasília UNB, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: ED UFPR, 2010.